



FARJALLAT, Célia Siqueira. Livre-se dos chatos.
Popular, Campinas, 23 jun., 1983.

Correio

Livre-se dos chatos

Correio Popular 23.6.83

C. Siqueira Farjallat

O mundo está repleto deles — ai de nós! E tão numerosos e variados são, que mereceram até do irreverente Guilherme de Figueiredo um Tratado Geral, onde ele lhes estuda a origem, evolução através dos tempos e das literaturas, modos de ataque, estratégias, truques e pequenas trapaças ou chateações. Nem mesmo a Mitologia escapou às farpas deste exuberante Autor, que escalpela, pensa, argumenta e provoca um riso discreto. Pois não é que este Guilherme deduziu que o uso do tacape na era das cavernas prova que o homem sempre desejou achatá-lo, e que foi Petrônio, no Satiricon, quem primeiro descobriu um chato de linguagem carregada de lugares comuns e provérbios?

Os chatos têm fôlego de sete gatos. Os clássicos preocupavam-se com eles, mas os românticos não lhes deram importância, tão mergulhados estavam em seus amores e desencontros, tão dispostos em sofrer a vida e suas chateações.

Quais as causas do fenômeno? Traumas, fixações, falta de dinheiro ou excesso dele, a consciência de que é preciso aceitar os "pacotes", por mais que nos achatem e nos chateiem.

Há sujeitos tão chatos que nos fazem estremecer à sua simples lembrança. Uns nem precisam abrir a boca: a sua simples presença nos dá um arrepio de chateação. Outros são chatos à distância, como o Policastro, que nos

chateia pelo telefone: "Escute, escrevi mais um poema. Um colosso". E recita as estrofes tenebrosas, chatíssimas. Há chatos implacáveis que atravessam a rua correndo: "Terminei meu livro. Apenas duas mil páginas. E desta vez vou levantar o prêmio Urupês". E arranca da pasta imensa o calhamaço. Não há argumento que o demova. Há de nos ler, ao menos, um capítulo ali mesmo, na rua. E como gesticula e lê em altos brados, junta gente em torno, antegozando uma briga. Não é briga, não. É uma chateação completa, total.

Especialista no tema, Guilherme distingue entre os chatos catalíticos, que agem por ação da presença, sem falar e sem mover-se; os califáticos, como os recitadores em geral e os cantores napolitanos; os hamletianos, indecisos de comportamento; os pirotécnicos, os ofertantes, os gargalhadores, entre muitos mais.

Como espantá-los? Peça-lhes dinheiro emprestado; diga-lhes que anda doente, mas cuidado, eles têm remédios para todas as mazelas; sirva-lhes café morno e aguado, ou leia-lhes também suas crônicas dos últimos trinta anos. Se resistirem, exija deles a leitura de alguns discursos enigmáticos dos ases da economia nacional, ou que assistam sem bocejar certos programas humorísticos, chatérrimos. É, por hoje, chega de chateação. Até a próxima quinta, se Deus quiser.